

Vivendo na pobreza, enfrentando a vergonha

Estas histórias pessoais, cheias de vida e poder, aumentam o nosso entendimento da pobreza e motivam-nos a provocar mudanças, afirma Olivia Bennett.

A comunidade internacional comprometeu-se a reduzir para metade, até 2015, o número de pessoas que vivem na extrema pobreza. Este processo será efectuado através dos Marcos de Desenvolvimento Milenário (Millenium Development Goals) e o seu progresso será avaliado com a ajuda de uma série de alvos específicos. Porém, não se medem com tanta facilidade o stress e tensão constantes da luta diária pela sobrevivência. Foi isto que o projecto Viver na Pobreza visou capturar por meio de entrevistas francas e comoventes. “Pobreza quer dizer... viver sem estar em paz dentro de mim”, diz a Palmira, uma moçambicana com mais de 60 anos de idade, que informa o entrevistador de que “esta pobreza de que estou a falar – estou dentro dela.”

Os homens e mulheres do Quênia, Moçambique, Zâmbia e Paquistão, que contribuíram para este projecto, falam muitas vezes em problemas comuns: a falta de trabalho, as despesas de educação, os custos debilitantes dos serviços de saúde e empréstimos e a infra-estrutura inadequada. Outros desafios aplicam-se especificamente à localidade em questão. Por exemplo, em Manchar Lake, no Paquistão, a poluição ambiental cria um encargo adicional; o mesmo acontece devido ao colapso da agricultura em Choma, na Zâmbia. Algumas perspectivas são profundamente individuais, mas iluminam temas mais amplos.

Uma trama muito comum e muito potente é o stress causado pela pobreza. O Edward, na Zâmbia, descreve estar deitado, acordado, todas as noites, “a olhar para a escuridão e a tentar descobrir maneira de resolver as dificuldades da vida.” A frustração é outra emoção constante, e há muitos exemplos significativos em que as pessoas vão de encontro à opressão, à corrupção ou simplesmente à indiferença. A Martha, no Quênia, sente-se esgotada pelo tempo que perde a lidar com funcionários corruptos, encarregados da distribuição de bolsas de estudo que deviam ser disponibilizadas aos filhos dela, mas não são. Ela acaba por desistir: "Andamos às voltas até resolvermos deixar de pedir", diz ela.

Estas histórias pessoais salientam as dimensões psicológicas da pobreza, e algumas das passagens mais potentes descrevem a vergonha que os narradores têm da vida que são forçados a viver. Na realidade, aponta Mercy, no Quênia, ela não teve oportunidades para trabalhar ou adquirir competências, pelo que tem que se valer das relações sexuais pagas para alimentar os filhos. No povoado dela moram mais de 10.000 habitantes ilegais, mas não há latrinas – um número radical que se traduz na humilhação diária de termos que lidar com os nossos próprios detritos, e com os dos outros. O Joseph, que lidera um esforço comunitário para limpar esta povoação degradada, sente-se desmoralizado com a falta de apoio oficial: “Acho que os ricos nos desprezam por completo”, diz-nos ele.

Para muitos, a pobreza existe lado a lado com a impotência. “Ninguém nos presta atenção”, afirma o Nazeer, nas histórias da vida do Paquistão. Ele é um dos vários homens e mulheres que nos explicam os modos como as comunidades pobres são exploradas pelos empregadores e comerciantes, e como os políticos e oficiais locais, cuja função é representar os seus interesses, não os tratam muito melhor.

Estas narrativas reforçam a importância de factores não económicos, tais como as alianças sociais informais e as redes familiares, para a sobrevivência das pessoas pobres. Os narradores identificaram frequentemente as pessoas mais pobres das suas comunidades como sendo as que não têm laços familiares, não tendo, portanto, o apoio prático e moral correspondente. Em Moçambique, os anos de guerra civil e a emigração das pessoas para a África do Sul, à procura de trabalho, desgastou a coesão familiar – e muitos narradores citam a ausência dos pais, esposos ou filhos adultos como sendo um factor importante da sua incapacidade de melhorar as suas condições de vida. Maria, uma mãe com cinco filhos cujo marido a abandonou e arranjou nova família na África do Sul, afirma que a pobreza é não ter “ninguém com quem partilhar os seus problemas para encontrar maneira de os superar”.

Estas histórias da vida mostram-nos as dificuldades que as pessoas pobres têm em tomar riscos. Grace, na Zâmbia, afirma que não se atreveu a investir nem sequer numa galinha de um projecto de aves de capoeira sem ter a certeza de um rendimento assegurado. O que à primeira vista parece ser uma abordagem bastante fatalista, acaba por ser um cálculo cuidadoso dos riscos e benefícios. A estratégia de sobrevivência de Grace está tão subtilmente sintonizada que a mais pequena redução pode ter grandes repercussões. Esta insegurança perpétua dificulta grandemente o aproveitamento de qualquer oportunidade económica que envolva riscos ou exija demasiado tempo.

O carácter precário destas vidas encontra-se vividamente ilustrado em histórias nas quais um único acontecimento, como por exemplo uma doença ou uma seca, demonstra ser essencial na trajectória do empobrecimento, provocando, por exemplo, a aquisição de dívidas. Por vezes, o ponto culminante é mais individual; por vezes é até positivo. Os dois narradores da colecção do Paquistão que lograram quebrar o ciclo da pobreza fizeram-no em reacção a uma experiência pessoal traumática; o motivo principal não foi puramente económico. Salma, por exemplo, agiu em reacção a um mau casamento e tomou a decisão de nunca voltar a ser economicamente dependente.

De forma semelhante, Lemaron, inválido depois de ter pólio, viu-se impossibilitado de cultivar uma

machamba, pelo que desafiou a convenção, tornando-se cabeleireiro. O seu impulso foi demonstrar que conseguiria ser tão bem sucedido como qualquer pessoa capacitada: "o meu maior inimigo não é a minha deficiência, mas a pobreza." Mas ele reconhece que o "inimigo" é impiedoso: "...as pessoas aqui perderam a esperança [e] desistiram de si próprias," afirma Lemaron.

Talvez uma das impressões mais vivas que nos dão estas entrevistas seja a natureza corrosiva da pobreza crónica. Muitos destes homens e mulheres descrevem a forma como a falta de empregos tem corroído o seu amor-próprio, enfraquecendo os valores dos seus filhos. Mary, no Quênia, acha que, se os filhos tivessem recebido uma boa educação e arranjado empregos, teriam tido muito mais possibilidades de se tornarem "boas pessoas". Com este comentário, Mary ilustra a maneira como a pobreza pode distorcer as percepções que as pessoas têm de si próprias, salientando um dos seus custos humanos mais objectáveis. Este tipo de compreensão deve ajudar as pessoas que trabalham com o problema da pobreza, motivando-as a assegurar um relacionamento mais forte entre as prioridades dos pobres e as políticas criadas em seu nome.